

A origem e o uso da pontuação na gramática de língua portuguesa

Priscila Perroni (Autora)

Gabriel Othero (Orientador)

Resumo: O projeto desenvolvido tem por objetivo em fazer uma investigação sobre a história da ortografia, origem dos sinais de pontuação e realizar uma reflexão sobre o ensino dos sinais de pontuação nas escolas e como os alunos empregam esse conhecimento nas produções textuais. Para realizar a pesquisa foi necessário coletar produções textuais do ensino médio de uma escola estadual de Porto Alegre para observar os principais problemas dos alunos, em relação à pontuação, avaliação de livros didáticos, ensino fundamental e médio, e artigos acadêmicos. De um modo geral, os alunos apresentaram muitas dificuldades na utilização de sinais como: vírgula e ponto e vírgula, problemas encontrados em todas as produções. A partir dessa constatação, foram avaliadas as gramáticas tradicionais e livros didáticos, concluindo então, que em muitos casos os autores não trabalham de forma muito clara, em relação ao assunto, resultando em sérios problemas no momento de por em prática o conhecimento adquirido nas aulas de língua portuguesa.

Palavras-chave: sinais de pontuação; produções textuais; gramáticas tradicionais; livros didáticos.

1. Introdução

O presente trabalho de pesquisa tem por objetivo em fazer uma análise histórica sobre as fases da ortografia, os sinais de pontuação e realizar uma reflexão sobre o uso dos sinais de pontuação, nas produções textuais dos alunos, observando suas principais dificuldades e fazer uma reflexão sobre as explicações desenvolvidas nas gramáticas tradicionais e livros didáticos.

A motivação para realizar este trabalho se deu pela a avaliação das produções textuais dos alunos e constatar a grande dificuldade que os alunos têm em utilizar a pontuação de forma consciente. Para realizar essa pesquisa foram utilizadas como material de apoio: produções textuais, coletadas em uma escola pública de Porto Alegre, livros didáticos, gramáticas tradicionais e artigos acadêmicos, relacionados ao uso dos sinais de pontuação.

Portanto, ao longo do trabalho serão desenvolvidas análises dos principais erros, referentes ao uso dos sinais de pontuação, com o foco nas produções textuais e nas explicações encontradas nos materiais didáticos que estão em contato com os alunos e professores.

2. Fases da ortografia

A ortografia da língua portuguesa sofreu muitas variações desde os seus primórdios. Segundo Teyssier (2007 apud FELISBINO, 2013, p. 67) “Os primeiros textos escritos surgiram em meados do século XIII. Nesse período não havia sistematização da grafia dos vocábulos, o som e a letra apresentavam uma estreita relação”.

A estreita relação entre o som e a letra, mencionado por Teyssier (2007), se deve ao fato de que a história da ortografia portuguesa, como afirma Felisbino (2013) compreendeu três períodos: o fonético, o pseudoetimológico e o simplificado.

Segundo Felisbino (2013) no período da escrita fonética, século XII até o século XVI, não se preocupava com a etimologia da palavra, ou seja, o que ocorria era basicamente a representação dos sons da fala; logo, o leitor poderia se deparar com a mesma palavra, porém, com grafias diferentes, como por exemplo, hidade/idade/ydade. Passado o período fonético, a partir do século XVI, surge o período pseudoetimológico que durou até meados do século XX e tinha como base a conservação das letras conforme a origem da palavra, não havia uma preocupação com o valor fonético. O último período da ortografia, citado por Felisbino (2013), refere-se ao período simplificado que teve início em 1904 com a publicação da Ortografia Nacional de Gonçalves Viana.

A Ortografia Nacional de Gonçalves Viana se divide entre o português e o luso-brasileiro. A base para essa nova ortografia está na tradição medieval da palavra; portanto, ele não leva em conta a pronúncia das palavras.

De acordo com Silva (1994), com a publicação da Ortografia Nacional de Gonçalves Viana, em 1911, teve origem um estudo sobre a nova proposta de reforma ortográfica, realizado por uma comissão nomeada pelo governo português. Em 1916, a ortografia de Gonçalves Viana entra em vigor e, em 1931, o novo sistema ortográfico, simplificado, entra oficialmente ao Brasil.

Ocorre, em 1934, uma tentativa para voltar ao sistema anterior, mas em 1937, com o golpe de estado, se restabeleceu o sistema ortográfico de 1931 com o acréscimo da acentuação gráfica.

A partir de 1937, Portugal e Brasil começaram a discordar em matéria ortográfica e, em 1943, surge a Convenção Lusa- Brasileira que vigora até a entrada do Acordo Ortográfico

Lusofônico para ter a unificação da língua portuguesa nos países que formam a CPLP (Comunidade dos Países de Língua Portuguesa).

O sonho de unificar a ortografia da língua portuguesa torna-se mais próximo com a entrada do Acordo Ortográfico Lusofônico. Segundo Cláudio Willer (1989 apud SILVA, 1994, p. 88) “Portugal e países africanos de língua portuguesa são etapas indispensáveis na ruptura do isolamento de nossa literatura; isolamento, diga-se de passagem, hoje em dia até mesmo com relação ao público leitor, à crítica e ao mercado editorial especificamente brasileiro”.

Portanto, a ortografia da língua portuguesa passou por fases importantes até chegar à unificação nos países que compõem a CPLP, demonstrando assim, um passo importante no idioma que é falado nos países de língua portuguesa.

3. Os sinais de pontuação

A história da pontuação passou por um longo trajeto, desde os primórdios da escrita, sem ponto e sem espaço entre as palavras, até chegar às regras atuais de pontuação. Segundo Bechara (2009, p. 604)

Os sinais de pontuação datam da época relativamente recente na história da escrita, embora se possa afirmar uma continuidade de alguns sinais desde os gregos, latinos e alta Idade Média; constituem hoje peça fundamental da comunicação e se impõe como objeto de estudo e aprendizagem.

Para compreender a origem da pontuação faz-se necessário entender a evolução da escrita, pois uma envolve a outra. De acordo com Cagliari (2010, p.91) a escrita passou por três fases importantes: a pictórica, escrita através de desenhos ou pictogramas; a ideográfica, escrita através de desenhos especiais chamados ideogramas; e a alfabética, que se caracteriza pelo uso de letras, mais ou menos como fazemos hoje.

Quando se popularizou a escrita alfabética, as palavras não eram separadas e não se utilizavam os sinais de pontuação. Os leitores, que eram raros, deviam fazer a pontuação na

hora da leitura. Observe o exemplo retirado do site UOL educação¹ do que seria um texto produzido nessa época:

BASILEOSELTHONTOSESELEPHANTINANPSAMMATICHOUTA
 UTAEGRAPSAANTOISYNPSAMMATICHOTOITHEOKLEOEPLEON
 HELTHONDEKERKIOSKATYPERTHENESOPOTAMOSANIEALLO
 GLOSSOUSDHCHEPOTASIMTOAIGYTIOUSDEAMASISEGRAPSE
 DAMEARCHONAMOISBICHOUKAIPELEQOS OUDAMOU.

Este exemplo demonstra o que seria uma produção textual para a época. A grande preocupação das pessoas se dava exclusivamente em fazer um registro da fala. Esse fato se deu até que monges medievais começaram a trabalhar na separação dessas palavras; porém, a separação das palavras só teve adesão a partir do século VII, e os sinais de pontuação a partir do século IX. Observe a tradução feita do texto acima retirado do site UOL educação:

Vindo a Elefantina o rei Psamético, estas coisas escreveram os que vinham com Psamético, filho de Teocles. Foram além de Kerkis tão longe quanto o rio permitiu. Potasimto comandava os estrangeiros; Amasis, os egípcios. São Arcaonte, filho de Amobicos e Pelecós, filho de Udamos, que escreveram nossos nomes.

Apesar de essas regras terem sido criadas a partir do século VII, somente no século XVII o uso dos sinais de pontuação e separação entre as palavras foi consolidado na escrita, demonstrando, assim, o difícil processo de adaptação das pessoas ao uso de sinais, que hoje são básicos na produção de qualquer texto escrito.

A seguir, veremos a origem e o uso dos seguintes sinais de pontuação: ponto final, ponto de exclamação, ponto de interrogação, ponto e vírgula, dois pontos, travessão, parênteses e vírgula.

3.1. Ponto Final

O ponto final, assim como os demais pontos, surgiu na Idade Média, e nem sempre teve a função de concluir uma ideia, como afirma a pesquisadora Aguiar: “O ponto, por exemplo, nem sempre marcou a conclusão de uma ideia completa. Na Idade Média, ele era inserido antes do nome do herói ou de um personagem importante da narrativa, por questões de respeito ou só para que seu nome fosse enfatizado”.

¹ <http://educacao.uol.com.br/disciplina/portugues/sinais-de-pontuacao-historica-dos-sinais.htm> Acesso em: 26/01/2015

A função do ponto final modificou-se, desde então, e hoje encontramos o seguinte uso, apresentado por muitos gramáticos, como Cegalla (2008, p. 431) “Emprega-se, principalmente, para fechar o período e também nas abreviaturas”. Porém, apesar de muitos acreditarem ser algo simples de se compreender facilmente, encontramos erros em relação ao uso do ponto final, pois muitos alunos de Língua Portuguesa e Redação constroem períodos longos e acabam emendando uma sequência de ideias sem a devida pontuação. Essas frases são chamadas de siamesas ou labirínticas, pois autor do texto constrói períodos longos, ou seja, uma frase ligada à outra como se fosse um único período. (cf. Pressanto e Dall Agnol, 10/01/2015).

Podemos observar esse problema com o exemplo retirado de uma produção textual de um menino do terceiro ano do médio de uma escola estadual de Porto Alegre:

1. *Estes estilos musicais evoluíram com o tempo sem deixar o grande mercado para novos cantores e bandas “teen”, ter um ídolo de tais bandas e cantores não é ruim, na verdade é realmente positivo idolatrar e ver alguém chegando ao topo de sua carreira, infelizmente nem todos são assim, adolescentes em geral são influenciáveis e consumidores (naturalmente), podendo idolatrar loucamente, fazer virar um vício e gastar rios de dinheiro por “amor” a qualquer cantor/banda que está fazendo sucesso no momento.*

O problema apresentado no trecho retirado da produção textual do estudante de ensino médio, período muito longo, ocasiona uma confusão de ideias, pois ele começa o parágrafo afirmando que os estilos musicais evoluíram sem deixar o grande mercado para novos cantores e bandas; depois, afirma que ter um ídolo não é algo tão ruim, pois é algo bom “ver alguém chegando ao topo de sua carreira”; por fim, alega que não é tão bom, porque os adolescentes podem gastar muito dinheiro com o cantor ou a banda que está fazendo sucesso no momento. Ou seja, não existe uma delimitação de ideias, visto que, em um único parágrafo, ele dá foco para três linhas de pensamento sem usar o ponto final, levando o leitor, muitas vezes, a uma interpretação equivocada.

Partindo para uma análise das gramáticas de Cegalla (2008) e Terra (2013), podemos observar que eles trazem um conceito muito similar.

“É o sinal de pontuação utilizado para marcar o final de frases declarativas e é o sinal que indica maior pausa. Quando encerra um texto escrito, é também chamado ponto final.” (Terra, 2013, p.380).

Na minigramática de Terra (2013) o autor utiliza exemplos como: “Anoitecia” e “Sou estudante”. Esses exemplos são utilizados para exemplificar a teoria, citada no parágrafo acima, em que o autor explica de forma tradicional, o uso do ponto final. O problema está nos exemplos utilizados, pois são frases pouco complexas e que não se equiparam com as frases produzidas em um texto.

As obras didáticas analisadas para a pesquisa foram: “Linguagem e interação” de Faraco, Moura e Maruxo Jr, “Para viver juntos” de Greta Marchetti, Heidi Strecker e Mirela L. Cleto e o livro “Araribá Plus”, obra coletiva de vários autores. O tema só está presente de forma específica na obra “Araribá Plus”, pois os autores da obra criaram um capítulo específico intitulado “Sinais de pontuação”, ou seja, durante o capítulo cria-se uma explicação com base em pequenos textos de tirinhas, fazendo assim os alunos refletirem, de forma mais realista, por utilizar textos, nos exemplos e nos exercícios.

O uso do ponto final, apesar da sua importância para uma interpretação precisa, é tratado de forma superficial nas gramáticas analisadas, pois eles trazem a teoria do sinal de pontuação e exemplos, como já citados anteriormente, que não condiz com as reais necessidades dos estudantes. Para alguns autores de livros didáticos, de ensino fundamental e médio, o tema não é visto, como nas obras: “Linguagem e interação” de Faraco, Moura e Maruxo Jr e “Para viver juntos” de Greta Marchetti, Heidi Strecker e Mirela Cleto.

3.2. Ponto de exclamação

Segundo o site de pesquisa Wikipédia² existem duas vertentes para a origem do ponto de exclamação. A primeira teoria afirma que o ponto foi criado por Aristófanes de Bizâncio no século II a.C e que, após a sua criação, ele não teve muito uso. A outra teoria explica que o surgimento do ponto de exclamação deriva da exclamação de alegria latina.

Desde o seu surgimento até os dias atuais, o ponto de exclamação exerce a função básica de expressar os sentimentos. De um modo geral ele é visto como um ponto meramente literário, ou seja, dificilmente ele aparecerá em uma manchete de jornal como afirma a jornalista portuguesa Gradim.

O ponto de exclamação serve para diferenciar os enunciados de entoação exclamativa, empregando-se depois de interjeições, apóstrofes, ou do imperativo. Tratando-se de um sinal de pontuação que veicula ordens ou uma forte carga emotiva nunca deve ser

² http://www.pt.wikipedia.org/wiki/ponto_de_exclamação. Acesso em: 27/01/15.

utilizado pelos jornalistas em textos noticiosos ou respectivos títulos, exceto se tratar de uma citação. (Anabela Gradim)

O ponto de vista defendido pela jornalista portuguesa, de que o ponto de exclamação não deve ser utilizado em textos jornalísticos por se tratar de um ponto que remete ordens ou a uma “forte carga emotiva” encontra-se em muitas gramáticas tradicionais, de forma mais simples, como na gramática de Cegalla (2008, p. 432):

“Usa-se depois das interjeições, locuções ou frases exclamativas, que se proferem com entonação descendente, exprimindo surpresa, espanto, susto, indignação, piedade, ordem, súplica, etc”.

Com base no material pesquisado, sobre o uso do ponto de exclamação, observa-se que o ponto em questão é trabalhado, na maioria das vezes, em textos escritos de ficção ou em tirinhas. Segundo Villela (2005, apud FERREIRA, 2008, p. 158): “O papel da pontuação é estabelecer a interação entre o enunciador e o enunciatário, pois se trata de uma marca de organização do texto escrito”. Logo, torna-se mais fácil para a compreensão dos estudantes o uso dos sinais de pontuação, relacionados ao texto escrito, nesse caso, o ponto de exclamação.

3.3. Ponto de interrogação

De acordo com o site de pesquisas Wikipédia³ o ponto de interrogação teve sua origem em Roma. No início, a palavra “quaestio” (que significa “questão” em latim) era utilizada no final das frases interrogativas; porém, a palavra sofreu reduções sendo a primeira grafada “qo”, pois existia o medo de que ela fosse confundida no final da frase e não fosse vista como o ponto de interrogação. Na segunda redução, ocorreu a mudança da pontuação que era “qo” para o “o” abaixo do “q” o que daria origem ao atual ponto de interrogação, como utilizamos nos dias atuais.

Atualmente o ponto de interrogação é utilizado em diversos tipos de textos, além dos literários. Podemos observar no exemplo de uma redação de um aluno do ensino médio de uma escola estadual de Porto Alegre o ponto sendo utilizado em uma dissertação:

³ http://pt.wikipedia.org/wiki/ponto_de_interroga%C3%A7%C3%A3o. Acesso em 29/01/2015

2. *O aproveitamento de fazer de jovens, estilo musical e talento acaba virando um “prato cheio” para produtores e produtoras, que arrecadam muito fazendo adolescentes gostarem facilmente de qualquer música e idolatram artistas temporários com suas músicas “chiclete”. Isto acontece há muito tempo e provavelmente continuará por mais gerações, porque no final, quem nunca idolatrou alguém?*

Comparando o ponto de interrogação com outros sinais de pontuação, em relação à complexidade das regras de utilização, o ponto de interrogação não apresenta dificuldade. No exemplo citado, o aluno utiliza o sinal de forma correta, pois ele constrói uma frase interrogativa direta com a intenção de afirmar que as pessoas, de um modo geral, tem um ídolo.

O gramático Cegalla (2008, p.431) afirma: “usa-se no final de uma palavra, oração ou frase, para indicar pergunta direta, que se faz com entoação ascendente”. Apesar de não se tratar de um sinal de pontuação com regras complexas, como podemos observar na explicação do Cegalla, um erro frequente, com o ponto de interrogação, que deve ser utilizado em frases interrogativas diretas, é usado de forma indiscriminada como nas frases interrogativa indireta ou em frases imperativas.

Observe os exemplos de frases imperativas que são tratadas como frases interrogativas:

3. *Cite um país banhado pelo Oceano Atlântico?*
 4. *Determine as características das aves?*

O problema dessas frases é que elas não são perguntas; são frases imperativas. Por isso, não devemos utilizar o ponto de interrogação ao final delas. Terra (2013, p.380) afirma que o ponto de interrogação “É usado para marcar o final de frases interrogativas diretas. Nunca é colocado no fim de uma interrogativa indireta”.

A explicação de Terra é muito comum entre os livros didáticos e outras gramáticas; porém, o erro de pontuação, demonstra que o conteúdo é trabalhado de forma superficial com os alunos, pois os exemplos trabalhados no material de apoio como em Terra (2013, p. 380) em que ele coloca “Entendeu?” para exemplificar a sua explicação não equivale à realidade das produções textuais dos alunos.

3.4. Ponto e vírgula

De acordo com o site observatório da imprensa⁴ o intelectual italiano Aldo Manuzio, criou, em 1494, o ponto e vírgula. Porém, apesar da sua criação e de ela ser importante para a leitura dos textos, o ponto e vírgula está cada vez mais raro de ser encontrado, atualmente, nas produções textuais dos alunos do ensino médio e do ensino fundamental.

Segundo o gramático Terra (2013, p. 389) a principal função do ponto e vírgula é marcar “uma pausa mais longa que a vírgula, no entanto menor que a do ponto.” Logo após, o autor mostra as regras para o uso do ponto e vírgula. Observe algumas explicações retiradas da gramática de Terra (2013, p. 389).

“Separar orações coordenadas que já venham “quebradas” no seu interior por vírgula”.
Exemplo: “Os espelhos são usados para ver o rosto; a arte, para ver a alma. (Bernard Shaw)”

“Separar orações coordenadas que se contrabalançam em força expressiva (formando antítese, por exemplo).”

Exemplo: “Muitos se esforçam; poucos conseguem”.

“Separar orações coordenadas de certa extensão.”

Exemplo: “Os jogadores de futebol olímpico reclamaram com razão das constantes críticas do técnico; porém o teimoso treinador ficou completamente indiferente aos apelos dos atletas”.

“Separar os diversos itens de enunciados enumerativos em leis, decretos, portarias etc”.

Exemplo: “Art. 92. São órgãos do poder judiciário:

- I- O Supremo Tribunal Federal;
- II- O Superior Tribunal de Justiça;
- III- Os Tribunais Regionais Federais;
- IV- Os Tribunais e Juízes do Trabalho;
- V- Os Tribunais e Juízes Eleitorais;
- VI- Os Tribunais e Juízes Militares;
- VII- Os Tribunais e Juízes dos Estados e do Distrito Federal.” (Constituição da República Federativa do Brasil. Disponível em: www.senado.gov.br/const. Acesso em: 17 set. 2010.)

⁴ <http://www.observatorioidaimpresa.com.br> Acesso em: 16/02/15

Observe o erro de pontuação elaborado com base nos erros encontrados nas produções textuais dos alunos:

5. *Ele disse que poderia ajudar-me, eu teria, no entanto, que pagar-lhe a ajuda.*

No exemplo acima, ocorre o erro do ponto e vírgula, pois, segundo a teoria aplicada pela gramática tradicional, a frase deveria ficar assim: “Ele disse que poderia ajudar-me; eu teria, no entanto, que pagar-lhe a ajuda”. O uso do ponto e vírgula se faz necessário, nesse caso, porque, como afirma Rocha Lima (2013, p. 559), “Emprega-se o ponto e vírgula para separar as várias partes distintas de um período, que se equilibram em valor e importância”.

Apesar da explicação do conteúdo, desenvolvida pelos os autores das gramáticas, como já foi citado, o ponto e vírgula está desaparecendo nas produções textuais dos alunos, visto que um dos principais motivos seria a ausência desse conteúdo. Apesar de constar no plano de ensino dos alunos do 9º ano, o assunto não é desenvolvido em muitos livros didáticos como podemos observar nas obras didáticas do William Cereja, Faraco, Moura e Maruxo Jr.

O ponto e vírgula, quando é abordado em uma obra didática, como no livro elaborado por Leila Sarmiento e Douglas Tufano (2004, p. 299) é tratado de forma bem simples. Observe a explicação elaborada pelos autores: “Emprega-se o ponto e vírgula para indicar uma pausa mais longa que a vírgula”. Logo após, eles colocaram os dois casos em que o ponto aparecerá, ou seja, ele deve ser utilizado para separar o período, muito longo, em partes de uma oração que já venham separadas por vírgulas ou para separar itens em uma enumeração.

Apesar de o ponto em questão ter uma explicação, muitas vezes confusa, e de não ter muitos adeptos ao seu uso durante a produção textual, é muito comum ver a presença dele para elencar objetos, pois é mais fácil de reconhecer, como podemos observar no exemplo abaixo retirado do site slideshare:⁵

Exemplo: Antes de apanhar o comboio, é conveniente:

- Comprar o bilhete antecipadamente;
- Comparecer na estação com meia hora de antecedência;
- Procurar a linha direta.

⁵ <http://pt.slideshare.net/celinamedeiros/sinais-de-pontuao-add-celina-medeiros> Acesso em 30/01/15

Portanto, a omissão do ponto e vírgula, de um modo geral, nas produções textuais do ensino médio e fundamental, é um reflexo de um material didático que falha na sua explicação, pois, em alguns casos, só traz a teoria, sem a presença de exemplos, que facilitaria a compreensão dos estudantes.

3.5. Dois pontos

De acordo com o site bllog do livro⁶ a origem dos dois pontos se deu durante o século XVI, período em que os sinais de pontuação estavam em constante ascensão nas produções textuais da época e que se consolidou durante o século XVII.

Os dois pontos tem um valor importante para a construção de um texto, pois, como afirma Rocha Lima (2013), a pontuação é dividida em pausas rítmicas, ou seja, na pronúncia existe a entoação e na escrita a pontuação. Dentre as pausas rítmicas, ele divide os sinais de pontuação em três grupos, sendo que os dois pontos, assim como a vírgula, o travessão, os parênteses e o ponto e vírgula, vai indicar “Pausa que não quebra a continuidade do discurso, indicativa de que a frase ainda não foi concluída”.

Assim como outros gramáticos, Rocha Lima (2013, p. 559) vai elencar as principais funções para o uso dos dois pontos que, entre elas, estão: “antes de uma citação, antes dos apostos discriminativos, antes de uma explicação ou esclarecimento e depois de um verbo *dicendi* (disse, perguntou, respondeu, acrescentou etc...), em frases de estilo direto”.

Apesar das várias funções dos dois pontos, como foi elencado no parágrafo anterior, o uso dele se popularizou, pelos alunos, na produção de diálogos das histórias de ficção, por ser um tipo de texto muito presente na vida dos estudantes. Porém, encontra-se facilmente a omissão dos dois pontos quando os alunos produzem textos de outros gêneros textuais.

Podemos observar o erro no uso dos dois pontos no exemplo criado a partir dos erros encontrados nas produções textuais dos alunos de ensino fundamental:

5. *Já lhe dei tudo, casa, comida, amor e carinho.*

No exemplo citado acima, podemos observar a omissão do uso dos dois pontos que, segundo a gramática tradicional, deveria ser empregado após “tudo”, pois o autor da frase vai identificar os elementos que esta pessoa deu.

⁶[http://www. Bllogdolivro.blogspot.com.br/2012/05/os-sinais-de-pontuacao.html](http://www.Bllogdolivro.blogspot.com.br/2012/05/os-sinais-de-pontuacao.html) Acesso em:02/03/15

O uso dos dois pontos não é muito comum nos livros didáticos de ensino fundamental, apesar de o conteúdo constar no plano de ensino de uma escola de ensino fundamental.

Dentre as obras utilizadas durante a pesquisa, o conteúdo só foi expresso no livro “Araribá Plus” que é trabalhado dentro do capítulo “Sinais de pontuação” em que o uso do sinal é retomado, pois no capítulo anterior o livro trabalha com a construção de diálogos. Observe o exemplo retirado do livro Araribá Plus (2014, p.116).

“O homem parou o carro e chamou:

_ Ô menino.”

Ivan Ângelo. De conto em conto. São Paulo: Ática, 2002.p. 7-10 (Fragmento)

Após o exemplo, o livro traz uma breve explicação do uso dos dois pontos que serviria para introduzir a fala de uma personagem. Seguindo a explicação, sobre o uso dos dois-pontos, o livro apresenta o seguinte exemplo:

“Na calçada, na beira da rua principal, encontramos um grupo de moleques que eu conhecia bem, já fazia um bom tempo: os valentões e os bagunceiros da classe.”

Jean- Claude Carrière. Meu tio. Trad.: Paulo Werneck. São Paulo: Cosac Naify, 2009. P.28 (fragmento)

O exemplo demonstrado serve para esclarecer a ideia de quem faz parte do grupo de moleques mencionado por Gérard. Após a explicação existe uma nota do autor em que ele pede para o professor esclarecer aos alunos que o uso dos dois-pontos não se atém exclusivamente a esses dois casos, pois ele poderá introduzir citações ou pensamentos.

Portanto, os exemplos trazidos pelo livro didático se atêm a construção de diálogos e para elencar elementos, ter uma nota explicativa, no livro do professor, é muito pouco para os alunos que não tem acesso a essa informação no livro didático do estudante. Apesar da citação não fazer parte das produções textuais dos alunos do sexto ano, o assunto, que deveria ser citado em séries posteriores, não é mencionado nos livros didáticos, causando assim, um conhecimento superficial do uso dos dois pontos.

3.6. Travessão

De acordo com o site UOL educação⁷ o travessão é considerado um sinal de pontuação recente, pois como é afirmado, ele aparece na ortografia da língua portuguesa de Duarte Nunes de Leão (1606).

O uso do travessão se popularizou nos textos em que o diálogo é presente, porque uma de suas funções é a de indicar a mudança de interlocutor ou o início da fala de um personagem.

Na gramática “Novíssima gramática da língua portuguesa” de Cegalla (2008, p. 433) ele explica que o travessão vai além da marcação do diálogo, como: “separar expressões explicativas”, “isolar palavras ou orações que se quer realçar ou enfatizar” e “às vezes substitui os parênteses e mesmo a vírgula e os dois pontos”.

Observe a explicação retirada do livro “Araribá Plus” (2014, p. 116) “O travessão é usado para separar informações secundárias ou complementares. Em um diálogo, esse sinal de pontuação é usado para iniciar as falas dos personagens e também para separar as falas das observações do narrador”.

O uso do travessão, para marcar o diálogo entre os personagens, geralmente não apresenta problemas, pois se trata de uma estrutura fácil de reconhecimento e esta presente em vários gêneros textuais como as fábulas e contos, gêneros textuais trabalhados desde as séries iniciais.

O problema, ao utilizar o travessão, estaria nas demais funções do sinal de pontuação elencadas pelo gramático Cegalla e autores de livros didáticos, utilizados na pesquisa. Para muitos estudantes a presença do travessão no lugar da vírgula causa um estranhamento, pois eles não estão acostumados a ver esse tipo de construção. Observe o exemplo:

6. *Graça Foster — presidente da Petrobras — foi demitida do seu cargo.*

O exemplo foi criado a partir de frases elaboradas pelos alunos em que a construção mais aceita seria o uso das vírgulas no lugar dos travessões.

⁷ <http://educacao.uol.com.br/disciplina/portugues/sinais-de-pontuacao-historica-dos-sinais.htm> Acesso em: 26/01/2015

De acordo com a explicação do gramático Cegalla e dos livros didáticos utilizados, a frase, com o uso dos travessões, é considerada correta, pois existe a intenção de dar ênfase para a função que a pessoa exerce.

Portanto, o uso do travessão se popularizou, na maioria das redações de língua portuguesa, pelo uso dos diálogos, forma mais trabalhada com os estudantes, sendo que as outras funções são vistas de forma superficial, pois os alunos não colocam em prática, nas produções textuais, o conhecimento adquirido.

3.7. Parênteses

Os parênteses, segundo o site Só português⁸, tem origem grega e significa parentheseos que é a ação de intercalar. Porém, o mesmo sinal de pontuação é chamado de forma diferente entre os gregos e romanos, de acordo com o site UOL educação, pois para os gregos os dois arcos vão constituir os parêntesis e os romanos referem ao ponto como uma interposição.

De acordo com a gramática de Bechara (2009) o sinal é utilizado para “assinalar um isolamento sintático e semântico mais completo dentro do enunciado, além de estabelecer maior intimidade entre o autor e seu leitor”.

Após a explicação, Bechara (2009, p. 612) elenca os principais pontos em que os parênteses são utilizados junto com os sinais de pontuação, pois quando outro sinal de pontuação coincide com os parênteses deve se observar “a pausa coincide com o início da construção parentética, o respectivo sinal de pontuação deve ficar depois dos parênteses, mas, estando à proposição ou a frase inteira encerrada pelos parênteses, dentro deles se põe a competente notação”. O autor também ressalta que o sinal serve para “preencher lacunas de textos ou ainda para introduzir, principalmente em citações, adendos ou explicações que facilitam o entendimento do texto”.

Apesar da explicação do autor, o uso dos parêntesis se popularizou, nas produções textuais, como uma forma de corrigir alguma palavra escrita de forma indevida. Observe o exemplo:

7. *Maria teve uma (~~convulsão~~) convulsão na semana passada.*

⁸ http://www.soportugues.com.br/secoes/curiosidades/Curiosidades_acentos.php Acesso em: 02/03/15

No exemplo criado a partir das redações de alunos do ensino fundamental e médio, observou-se que se tornou algo comum o uso dos parênteses para anular a palavra errada. Porém, os gramáticos não defendem o uso dos parênteses para essa finalidade, pois como afirma Terra (2013, p. 392) “Os parênteses servem para isolar explicações, indicações ou comentários”. Ou seja, em nenhum momento o isolamento se refere a uma palavra que está com a grafia errada.

Nos livros didáticos, como mencionado anteriormente, muitas vezes apresentam falhas para explicar os sinais de pontuação. No livro didático “Língua Portuguesa: ensino médio” de Heloísa Takazaki (2004) a autora dedica uma pequena parte do livro para a explicação dos conteúdos gramaticais. Em relação aos sinais de pontuação, o principal problema é a falta de informação, por exemplo, no caso dos parênteses. Heloisa Takazaki (2004, p. 349) afirma que existem três casos “Para abrir e encerrar uma explicação”. “Para separar um comentário ou reflexão”. “Para indicações bibliográficas”. Ou seja, a autora não traz um exemplo para facilitar a compreensão do conteúdo.

No livro “Araribá Plus” (2014), dedicado aos alunos do 6º ano, os autores trabalham com o ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, vírgula, dois pontos, travessão, aspas e reticências. Na obra didática “Projeto Athos: língua portuguesa” de Maria Campos, Salete Toledo, Lucas Oda e Daniela Utescher (2014) trabalham os pontos de interrogação, exclamação e reticências. Ou seja, nas obras “Araribá Plus” e “Projeto Athos: língua portuguesa” não se trabalha com o uso dos parênteses.

Portanto, nas obras didáticas pesquisadas, ou não traz exemplos para facilitar a compreensão dos estudantes, em relação ao uso dos parênteses, ou as obras não trabalham com o uso dos parênteses. Sendo assim, explicações como as dos gramáticos: Terra (2013) ou Bechara (2009) não são vistas ou não se encontram exemplos para facilitar a compreensão dos estudantes, logo o uso, nas produções textuais utilizadas na pesquisa, só apareceram para corrigir uma palavra com erros de ortografia.

3.8. Vírgula

De acordo com o site recanto das letras⁹ a vírgula teve sua origem com os gráficos italianos durante o século XV. A palavra vírgula originou-se, segundo o site português na rede¹⁰, do latim, diminutivo de “virga” (=vara) + “ula” (sufixo diminutivo).

⁹ <http://www.recantodasletras.com.br/gramatical/118686> Acesso em: 14/02/15

¹⁰ <http://www.portuguesnarede.com/2009/01/virgula.html/> Acesso em: 14/02/15

O uso da vírgula, muitas vezes, é associado à pausa que leitor faz para respirar, porém isso é um equívoco, pois ao utilizar a vírgula desta forma, o autor do texto ignora o fato de que a pontuação obedece às regras sintáticas que regem o uso dos sinais de pontuação. Observe o exemplo retirado do site português na rede:

8. *“Eu fui e voltei”.*

No caso do exemplo citado, o aluno poderia colocar uma vírgula após o “fui”, mas não seria uma construção correta, pois tem a conjunção (e) e os sujeitos são iguais.

O uso da vírgula é muito trabalhado nas gramáticas tradicionais como do Cegalla (2008) que dedica um capítulo para os sinais de pontuação, com destaque para a vírgula, pois ele trabalha com os casos obrigatórios e com os casos proibidos, sempre exemplificando cada um.

Na gramática dos professores Pasquale e Ulisses (2008) o uso da vírgula não é visto em um único capítulo, o que torna o ensino dos sinais de pontuação interessante, pois partindo do princípio que para usar adequadamente a vírgula deve-se compreender a sintaxe, os autores subdividiram o uso da vírgula de acordo com os casos de sintaxe. Ou seja, no capítulo intitulado “Termos essenciais da oração” os autores criam uma subdivisão, dentro do capítulo, para explicar o uso da vírgula ou quando ela é proibida. Esta subdivisão está presente nos capítulos posteriores intitulados de: “Termos integrantes da oração”, “Termos acessórios da oração” e “ Orações subordinadas e coordenadas” . Pasquale e Ulisses (2008, p. 356).

Sujeito e predicado- Você viu que o sujeito e o predicado são chamados termos essenciais porque constituem a estrutura básica das orações mais típicas da língua portuguesa. Por isso a ligação que mantêm entre si não pode ser interrompida por uma vírgula, mesmo quando o sujeito é muito longo ou vem depois do predicado.

A citação acima demonstra que os autores utilizam do conhecimento trabalhado no capítulo para apresentar os casos em que a vírgula é proibida ou necessária. Essa forma de apresentar o uso da vírgula, como os professores Pasquale e Ulisses propôs, não são vistas pelos gramáticos: Terra (2013), Cegalla (2008), Rocha Lima (2013) e Bechara (2009), pois eles optaram por criar um capítulo específico para os sinais de pontuação.

Apesar das gramáticas tradicionais apresentarem o uso da vírgula, exemplificando cada caso, o mesmo não ocorre em alguns livros didáticos de língua portuguesa. A coleção de ensino médio “Língua portuguesa: linguagem e interação” de Faraco, Moura e Maruxo não

trabalha com os sinais de pontuação e o mesmo ocorre com as obras do 6º e 9º ano “Coleção: linguagens” de William Cereja e Thereza Cochar. A ausência desse conteúdo, nas obras destacadas, demonstra uma falha no ensino da vírgula, pois desconsidera o fato de que as regras para o uso da vírgula ficam mais complexas e da importância da pontuação para a leitura e compreensão dos textos escritos. O professor Fábio D’Ávila em sua vídeo aula do Aula livre. net¹¹ citou como exemplo, para mostrar a importância da vírgula na interpretação com a frase:

9. *Quero apresentar-te minha única irmã, que mora no Rio de Janeiro.*

Nesse exemplo o uso da vírgula é necessário, pois, além de se tratar de uma oração subordinada adjetiva a vírgula modifica o sentido da frase, ou seja, com a vírgula, essa determinada pessoa só tem uma irmã, sem a vírgula, essa pessoa, só tem uma irmã que mora no Rio de Janeiro.

Nas produções textuais do ensino fundamental e médio, o uso da vírgula, muitas vezes, não segue um padrão como os especificados pelas gramáticas tradicionais. Observe o exemplo:

10. *Todos os alunos da sala, foram advertidos.*

No exemplo criado, a partir dos erros frequentes encontrados nas produções textuais dos alunos do ensino fundamental e médio, observa-se que para utilizar a vírgula o aluno não respeitou às regras de sintaxe que, nesse caso, proíbe o uso da vírgula para separar o sujeito do predicado.

Portanto, utilizar a vírgula de forma indiscriminada, depois de analisar os livros didáticos, material que está em contato direto com os alunos, observa-se que os autores, muitas vezes, omitem o assunto de suas obras. Quando o assunto é trabalhado, como no livro Araribá Plus (2014), obra de diversos autores, os autores elencam os casos mais simples, como por exemplo: nas datas, separando o nome do lugar, ou para indicar enumerações. Nesses casos os alunos, geralmente, não cometem erros, sendo o problema nas demais regras, que não são abordadas pelos livros didáticos utilizados durante a pesquisa.

4. A pontuação

Os sinais de pontuação, como afirma Bechara (2009), nem sempre foram presentes nas produções textuais. A partir dessa afirmação, o presente trabalho voltou-se para a investigação

¹¹ <http://www.youtube.com.br/watch?v=iqwpl9gwc0> Acesso em: 16/02/15

da origem e do uso dos sinais de pontuação na língua portuguesa. A pontuação, popular na escrita dos textos atuais, só começou a ser desenvolvida depois que a escrita saiu da fase ideográfica e foi para a fase alfabética; porém no começo da fase alfabética, não havia a separação das palavras ou a pontuação, esses fatores só começaram a ocorrer, de acordo com o site UOL educação, com os monges medievais, sendo os sinais de pontuação consolidados no século XVII.

Em relação ao ensino dos sinais de pontuação, o conteúdo é muito presente nas gramáticas tradicionais, como foi observado nas gramáticas do Cegalla (2008), Terra (2013), Rocha Lima (2013), Bechara (2013) e Pasquale e Ulisses (2008) em que, na maioria dos casos, os autores criam capítulos próprios para a explicação do conteúdo, com exemplos. Porém, o mesmo não se dá nos livros didáticos, principalmente os de ensino médio, que ou não trazem o conteúdo como no caso da obra didática “Língua portuguesa: linguagem e interação” de Faraco, Moura e Maruxo Jr. Ou se referem ao conteúdo de forma muito superficial, como já demonstrado ao longo do trabalho de pesquisa, os livros didáticos: “Língua portuguesa: ensino médio” de Heloísa Takazaki e “Português: literatura, gramática, produção de texto: volume único” de Leila Sarmento e Douglas Tufano.

A falta desse conteúdo, de extrema importância para a interpretação dos textos escritos, acarreta, muitas vezes, em um conhecimento superficial, ou seja, o aluno utiliza os sinais de pontuação de forma aleatória, pois ele ignora as regras que regem os sinais de pontuação, muitas vezes trabalhados nas séries iniciais e não é retomado nas séries posteriores.

5. Plano de aula

A presente aula de língua portuguesa seria aplicada para alunos do 9º ano do ensino fundamental em uma escola central de Porto Alegre.

1. Objetivos:

1.1. Objetivo geral: Fazer com que os alunos compreendam as regras de pontuação, estudadas nas séries anteriores, na construção e interpretação dos textos.

1.2. Objetivos específicos:

- Ler e interpretar os textos;
- Utilizar adequadamente as regras de pontuação;

- Reconhecer que a falta de pontuação causa efeitos na interpretação.

2. Conteúdos:

2.1. Textos:

- Ouvir estrelas, de Olavo Bilac;
- A herança.

2.2. Justificativa: Os textos serão utilizados com o objetivo de fazer a interpretação adequada com o foco na pontuação utilizada.

2.3. Recursos linguísticos: O uso da pontuação.

2.4. Justificativa: O tema foi escolhido, pois, em ambos os textos, a pontuação se faz necessária para a interpretação correta.

3. Fundamentação teórica

Os sinais de pontuação

O presente trabalho terá como foco em elaborar uma aula para que o aluno consiga refletir sobre as regras, já trabalhadas em séries posteriores, dos sinais de pontuação, pois foi observado que apesar do conteúdo ser muito presente nos materiais didáticos, os estudantes ainda cometem erros ao utilizar os sinais de pontuação em suas produções textuais.

O método utilizado nas gramáticas tradicionais e livros didáticos, na maioria das vezes, trazem exemplos de frases que estão fora de um contexto. O problema desse método é que os alunos aprendem o conteúdo de forma superficial, pois quando os estudantes precisam colocar em prática o conhecimento adquirido nas aulas de língua portuguesa, como nas produções textuais, eles encontram dificuldades em utilizar a pontuação de forma adequada.

A abordagem utilizada por muitos gramáticos como Terra (2013, p. 380) em que coloca como explicação para o ponto final “é o sinal de pontuação utilizado para marcar o final de frases declarativas e é o sinal que indica maior pausa”. Para exemplificar o conceito utilizado, o mesmo gramático, colocará frases como “Anoitecia”. “Sou estudante”. Essa metodologia se demonstrou falha, nas produções textuais dos alunos, porque ela ignora que a pontuação tem como objetivo em ajudar na interpretação, pois como afirma Villela (2005 apud FERREIRA, 2008, p. 152) “quem pontua um texto está dando pistas para a construção de sentido por parte do leitor”.

Para Dahlet (apud FERREIRA, 2008, p.154) “a pontuação é sempre uma operação enunciativa de produção de sentido e, por isso, não está sujeita a regras de aplicação

mecânica”. Ou seja, a visão dos autores Villela e Dahlet, em relação aos sinais de pontuação, está atrelada a interpretação que o autor dá ao texto.

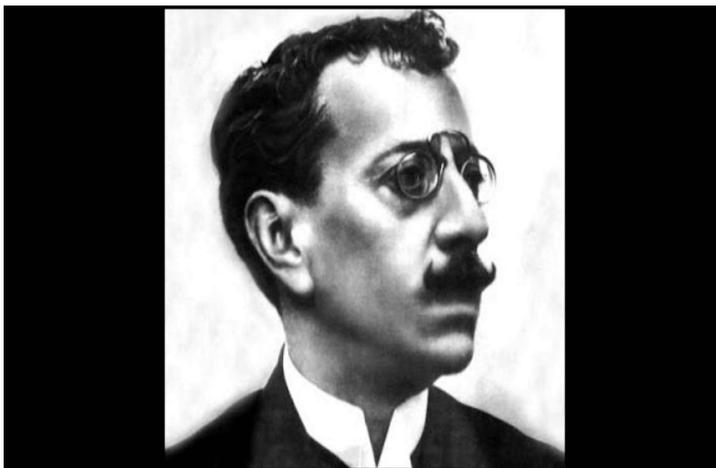
Portanto, é um equívoco ensinar os sinais de pontuação com exemplos fora de um contexto, pois é necessário que o aluno saiba qual a interpretação que ele quer dar ao texto para realizar a pontuação adequada.

4. Procedimentos:

2.5. Introdução

Questionamentos orais:

Vocês já ouviram falar no poeta Olavo Bilac?



http://pt.wikipedia.org/wiki/olavo_bilac#mediaviewer/file:olavobil.jpg Acesso em: 18/02/15

Segundo o site e-biografias.net ¹²Olavo Bilac (1865-1918) foi um poeta e jornalista brasileiro. Escreveu a letra do Hino à Bandeira brasileira. É membro fundador da Academia Brasileira de Letras, ocupou a cadeira nº 15. Foi um dos principais representantes do Movimento Parnasiano que valorizou o cuidado formal do poema, em busca de palavras raras, rimas ricas e rigidez das regras da composição poética.

Desenvolvimento

- Leitura e interpretação do poema “Ouvir estrelas”, de Olavo Bilac.

¹² http://www.e-biografias.net/olavo_bilac Acesso em: 18/02/15

Ouvir estrelas

Ora, (dizeis) ouvir estrelas!

Certo perdeste o senso! E eu vos direi, no entanto,

Que, para ouvi-las, muita vez desperto

E abro as janelas, pálido de espanto...

E conversamos toda a noite, enquanto

A via láctea, como um pátio aberto,

Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,

Inda as procuro pelo céu deserto.

Dizeis agora: "Tresloucado amigo!

Que conversas com ela? Que sentido

Tem o que dizem, quando estão contigo?"

E eu vos direi: "Amai para entendê-las!

Pois só quem ama pode ter ouvido

Capaz de ouvir e de entender estrelas."

Questionamentos orais:

1. Com quem o poeta se dirige nos versos?
2. Que elementos presentes no poema indica um diálogo?
3. Qual a diferença entre o ponto de vista entre o poeta e seu interlocutor?
4. Qual a importância dos parênteses no primeiro verso.

- Leitura do texto "A herança"

A herança

Um homem rico estando muito mal de saúde pediu que lhe trouxessem papel e tinta.

Escreveu o seguinte:

Deixo meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres .

Deu o último suspiro antes de ter podido fazer a pontuação. A quem, afinal, deixava sua fortuna?

Eram apenas quatro os citados.

No dia seguinte, ao receberem o papel, cada um dos citados deu ao texto a pontuação e a interpretação que lhe favorecia.

- Atividade em dupla:

Reescreva o texto pontuando da mesma forma que eles:

- O sobrinho fez a seguinte pontuação:
“Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres”.
- A irmã chegou em seguida e o pontuou assim:
“Deixo os meus bens à minha irmã. Não ao meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres”.
- O padeiro pediu cópia do original e o deixou dessa forma:
“Deixo os meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro”.
- A notícia se espalhou pelas redondezas e um sabido homem representando os pobres deixou o texto desse jeito:
“Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro? Nada! Dou aos pobres”.

Fechamento

Questionamentos orais:

1. No primeiro texto, escrito pelo homem rico, qual foi à interpretação que vocês tiveram?
2. Que sinais de pontuação foram utilizados, na reescrita do texto, para favorecer cada personagem?
3. Qual a importância dos sinais de pontuação para a interpretação dos textos?
4. Caso as respectivas cópias do testamento fossem analisadas por um juiz, com quem ficaria a riqueza deixada pelo homem? Por quê?

Avaliação

A avaliação se dará coletivamente, em todos os momentos em que os alunos estiverem participando das discussões sobre pontuação e realizando exercícios.

6. Conclusão

Na introdução da pesquisa o questionamento girava em torno dos erros cometidos por estudantes, em relação à pontuação, pois são erros que comprometem a compreensão do texto. Visando esse problema, a proposta desenvolvida ao longo do trabalho, foi de pesquisar os materiais didáticos, livros e gramáticas, pois eles estão em contato com os alunos e os professores.

Durante a pesquisa, analisando as obras, pude constatar que as explicações desenvolvidas por muitos autores geram mais dúvidas do que esclarecem, ou seja, muitas vezes os autores empregam frases artificiais, como foram elencados durante o trabalho, e isso não ajuda os alunos, pois os sinais de pontuação serão utilizados, no cotidiano, para a elaboração de textos e só apresentar a teoria com uma frase de exemplo se demonstrou um método falho para muitos alunos que não conseguem unir à teoria a prática nas produções textuais.

Portanto, é necessário um lugar de destaque para os sinais de pontuação que muitas vezes não tem nas obras didáticas que é visto de forma superficial por alguns gramáticos, pois esse conteúdo é de extrema importância para a construção de textos que englobam demais conteúdos, ou seja, torna-se um equívoco explicá-lo com definições e frases isoladas.

Referências

AGUIAR, Ana. **A pontuação nos poemas de Manuel Bandeira**. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br>. Acesso em: 10/01/2015.

Araribá Plus Português/ obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editora executiva Mônica Franco Jacintho. 4ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização & linguística**. 1ª. Ed. São Paulo: Scipione, 2009.

CAMPOS, Maria Tereza Arruda. **Projeto Athos: língua portuguesa**. Maria Tereza Arruda Campos, Salete Toledo, Lucas Oda, Daniela Utescher. 1ª. Ed. São Paulo: FTD, 2014.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48ª. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

CEREJA, William Roberto. **Português linguagens**. William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. 8ª. Ed. São Paulo: Atual, 2014.

CIPRO NETO, Pasquale. **Gramática da Língua Portuguesa**. Pasquale Cipro Neto, Ulisses Infante. São Paulo: Scipione, 2008.

COSTA, Cibele Lopresti. **Para viver juntos: português: ensino fundamental, 6º ano**. Cibele Lopresti Costa, Greta Marchetti, Jairo J. Batista Soares. 3ª. Ed. São Paulo: Edições SM, 2014.

E-biografias, Olavo Bilac. Disponível em: <http://www.e-biografias.net/Olavo-Bilac> Acesso em: 18/02/2015.

FARACO, Carlos Emílio. **Língua portuguesa: linguagem e interação**. Carlos Emílio Faraco, Francisco Marto de Moura, José Hamilton Maruxo Júnior. 1ª. Ed. São Paulo: Ática, 2010.

FELISBINO, Adriana. **O percurso histórico da ortografia da língua portuguesa**. Disponível em: <http://www.faculdadeflamingo.com.br> Acesso em: 01/03/2015.

FERREIRA, Ariadna dos Reis Araújo. **Os “sinais de pontuação” são marcas constitutivas do sentido?** Disponível em: <http://cratilo.unipam.edu.br> Acesso em: 22/02/15

GRADIM, Anabela. **O admirável ponto de exclamação! Em textos pedagógicos de autores brasileiros**. Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand12/perisse.htm>. Acesso em: 10/01/2015.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 51ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

Observatório da imprensa, O precursor da marca tipográfica. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br> Acesso em: 16/02/2015

Português na rede, A vírgula. Disponível em: <http://www.portuguesnarede.com> . Acesso em: 14/02/2015

PRESSANTO, Isabel; AGNOL, Samira. **Frases siamesas: uma alternativa de abordagem.** Disponível em : <http://www.rle.ucpel.tche.br/index.php/rle/article>. Acesso em: 01/02/2015.

Recanto das letras, Usando a vírgula. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br> . Acesso em: 14/02/2015

SARMENTO, Leila Lauer. **Português: literatura, gramática, produção de texto: volume único.** Leila Lauer Sarmento, Douglas Tufano. 1ª. Ed. São Paulo: Moderna, 2004.

SILVA, Marinalva. A ortografia lusofônica: breve histórico. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br> Acesso em:01/03/2015

Slideshare, **Sinais de pontuação.** Disponível em: <http://pt.slideshare.net/sinais-de-pontuao-add-celina-medeiros>. Acesso em: 30/01/2015

Só português, Qual a origem dos principais acentos e símbolos do português? Disponível em: <http://www.soportugues.com.br/secoes/curiosidades/curiosidadesacentos.php> Acesso em: 02/03/2015

TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua portuguesa: ensino médio.** Volume único: livro do professor/ Heloísa Harue Takazaki; ilustração Carlos Cesar Salvadori. 1º ed. São Paulo: IBEP, 2004.

TERRA, Ernani. **Minigramática.** 11ª. Ed. São Paulo: Scipione, 2013.

UOL Educação, Sinais de pontuação: origem histórica dos sinais. Disponível em: <http://www.educacao.uol.com.br/disciplina/portugues/sinais-de-pontuacao-historica-dos-sinais.htm>. Acesso em: 26/01/2015.

Wikipédia, Ponto de exclamação. Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org>. Acesso em: 29/01/2015

Wikipédia, Ponto de interrogação. Disponível em: <http://www.pt.wikipedia.org> . Acesso em: 29/01/2015

You tube, Pontuação. Disponível em: <http://www.youtube.com.br> . Acesso em: 16/02/2015